

## Fluxos de adoções e cantos na formação das crianças Tikmũ'ũn

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

*Barbara Viggiano Rocha da Silva*  
*Universidade Federal de Minas Gerais – baflauta@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho levanta questões em torno das noções de infância entre povos indígenas Tikmũ'ũn - também conhecidos como Maxakali - e sua relação com os cantos dos extraordinários povos yãmĩyxop, a partir da perspectiva de formação da pessoa (SEEGER et al., 1978), comumente empregada em trabalhos sobre povos ameríndios. Uma revisão bibliográfica do tema aliada a dados etnográficos recentemente colhidos pela pesquisa auxilia as reflexões aqui apresentadas.

**Palavras-chave:** Cantos. Infância. Maxakali. Pessoa. Indígenas.

### Fluxes of Adoptions and Chants in the Formation of Tikmũ'ũn Children

**Abstract:** This paper brings up topics related to notions of childhood among Tikmũ'ũn indigenous peoples – also known as Maxakali – and its connection with the chants of extraordinary yãmĩyxop peoples, according to the perspective of the personhood (SEEGER et al., 1978), usual in papers about amerindian peoples. A bibliographic review of the subject allied to ethnographic data recently gathered by the research supports the reflections presented here.

**Keywords:** Chants. Childhood. Maxakali. Person. Indigenous.

### Introdução

Atraída pela relação entre a prática dos cantos e a formação das crianças indígenas dentre aqueles que se autodenominam Tikmũ'ũn, diferentes povos habitantes da região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri no nordeste do estado de Minas Gerais<sup>1</sup>, realizo minha pesquisa etnográfica na Aldeia Verde (município de Ladainha/MG), na esteira de numerosos trabalhos etnomusicológicos desenvolvidos com esses povos<sup>2</sup>.

Dentre as características compartilhadas entre os Tikmũ'ũn está a língua Maxakali<sup>3</sup>. É também por esse termo que eles são conhecidos na literatura etnológica desde os primeiros contatos com colonizadores, há cerca de três séculos<sup>4</sup>. Apesar de terem imensas dificuldades no relacionamento eventual ou cotidiano com muitos não-indígenas preconceituosos, os Tikmũ'ũn parecem abastecer-se de energia para lidar com isso através de uma outra relação que mobiliza incansável dedicação e cuidado: seus encontros com os Yãmĩyxop<sup>5</sup>. Estes são povos pertencentes a uma instância coletiva xamânica (ROSSE, 2015, p. 93), que visitam as aldeias daqueles com frequência de maneira individual ou coletiva, suscitando partilhas de alimentos, conhecimentos, danças e cantos. Tratam-se de momentos de intensidade (TUGNY, 2010, p. 43) onde o conhecimento

circula em forma de som, gesto, matéria e exploração de espaços incessíveis senão pela aliança com os extraordinários Yãmĩxop.

Dos encontros com os Yãmĩxop, caracterizados pelo abundante trabalho acústico<sup>6</sup>, me interessam os efeitos produzidos nas crianças Tikmũ'ũn, sob o prisma da perspectiva de formação da pessoa proposta por Seeger et al (1978). Deste modo, levanto neste breve artigo algumas questões úteis à investigação do tema, quais sejam: como são, entre os Tikmũ'ũn, as noções de infância? Como a aquisição de cantos Yãmĩxop se relaciona com a formação da pessoa Tikmũ'ũn?

### **Noções de infância e pessoa na etnologia ameríndia**

Embora entre os povos ameríndios não seja possível circunscrever a categoria dos infantes a uma determinada faixa etária, muitos esforços vêm sendo empreendidos nas últimas duas décadas<sup>7</sup> procurando reconhecer características comuns àqueles identificados, pelos pesquisadores, como crianças entre os indígenas no Brasil. São exemplares os estudos de Cohn (2000); Silva; Nunes; Macedo, (2002); Codonho (2007); Limulja (2007); Melo (2008); Alvares (2004)<sup>8</sup>. Tassinari (2009, p. 8) aponta alguns aspectos dessas tentativas de delimitação da infância entre os povos indígenas no país:

- 1) o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão;
- 2) o reconhecimento de suas diferentes habilidades frente aos adultos;
- 3) a educação como produção de corpos saudáveis;
- 4) o papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas;
- 5) o papel da criança como mediadora dos diversos grupos sociais. (TASSINARI, 2009, p. 8)<sup>9</sup>

A noção de pessoa tal como apresentada por Seeger et al. (1978), na qual se defende a centralidade do corpo na perspectiva de natureza humana, oferece contribuições profícuas à reflexão sobre a formação do indivíduo entre os povos ameríndios.

A noção de pessoa e uma consideração do lugar do corpo humano na visão que as sociedades indígenas fazem de si mesmas são caminhos básicos para uma compreensão adequada da organização social e cosmologia destas sociedades. (SEEGER et al., 1978, p. 3)

Nos estudos sobre a “infância” entre povos indígenas a fabricação do corpo é elemento de pronunciada relevância (SILVA, 2014), não apenas para o desenvolvimento da criança, mas como prática necessária para a formação da pessoa<sup>10</sup>. Pode-se situar a formação da pessoa Tikmũ'ũn no processo de aquisição de conhecimento através dos

cantos pertencentes aos Yãmĩxop, pois “todo o conhecimento, seja este do domínio do sagrado ou não, pertence aos espíritos, são eles que os trazem aos humanos” (ALVARES, 2004, p. 96).

### **Cantos Yãmĩxop**

As trocas entre os Tikmũ’ũn e os Yãmĩxop se dão durante as frequentes visitas que estes fazem àqueles, em suas aldeias. Não se deve compreender os cantos Yãmĩxop como um registro oral de conhecimentos, mas como uma atividade prática de exploração, pelos Tikmũ’ũn, de temporalidades, espaços e agências presentes entre os mundos dos Yãmĩy e dos Tikmũ’ũn<sup>11</sup>. Nos cantos, os Tikmũ’ũn e seus ancestrais partilham cultura, mas não mundos e naturezas, resultando desse intercâmbio a possibilidade de experimentar posições e perspectivas que muito os interessam<sup>12</sup>. Os cantos viriam “dos mundos dos yãmĩxop, que, ao contrário de ser a ‘natureza’, são mundos onde há ‘excesso de cultura’” (TUGNY, 2011, p. 37).

De acordo com Alvares (2004, p. 59), para os Tikmũ’ũn “possuir yãmiy ‘espíritos’ é a condição básica para se tornar um ser humano completo”. O conhecimento que pertence aos Yãmĩy, pode ser conquistado ao longo da vida a partir da idade de iniciação pelas crianças desde que elas se esforcem para merecer ter um Yãmĩy, isto é, um canto. Segundo a autora, para que detenha um canto a criança deve conhecê-lo bem, memorizá-lo e cantá-lo de maneira eficaz<sup>13</sup>. Seus pais e avós - atentos às suas performances - cotidianamente auxiliam cantando junto e compartilhando seus próprios conhecimentos (ALVARES, 2004, p. 60).



Figura 1: Crianças dançam, cantam e brincam imitando povos Yãmĩy na presença de adultos que se divertem observando-as, e também e orientando-as. (Aldeia Verde, janeiro de 2018)

### Fluxos de adoções

Sugerindo pronunciada conotação de cuidado à relação de adoção, Tugny (2014, p. 161, 162) afirma que os Tikmũ'ũn estabelecem com os Yãmĩxop uma relação de filiação presente também no tempo mítico.

Há vários casos de adoção interespecífica nas narrativas míticas dos Tikmu'un, como a do filho abelha, do filho do trovão e da filha ariranha. Todos estes foram adotados por ancestrais Tikmu'un. Humanos e *yãmĩxop* alternam assim relações de adoção e filiação. (TUGNY, 2014, p. 161)

Os Yãmĩxop são tratados como crianças que ainda não conhecem seus cantos muito bem e por isso precisam aprendê-los com os homens. Estes oferecem suas vozes para que os Yãmĩxop cantem para as mulheres da aldeia, que os recebem, alimentam e ouvem.

Uma vez nas aldeias, os yãmĩxop são alimentados pelas mulheres e guiados pelos homens. Estes últimos os acompanham em todos os movimentos que fazem nas aldeias, sobretudo na direção das mulheres: com elas os yãmĩxop dançam, brincam, lutam, namoram, e delas recebem alimentos e outros bens. As mulheres são as principais destinatárias da visita dos yãmĩxop. Enfeitam-se para recebê-los. Os homens parecem cumprir o papel de meros mediadores. Se estes yãmĩxop animam as aldeias com seus corpos pintados, esplêndidos, e sobretudo, com seus cantos e todo o conhecimento que trazem aos Tikmu'un, são ainda assim tidos como filhos dos homens. Os homens são yãmĩxoptak, "pais de yãmĩxop" e as mulheres que os alimentam são yãmĩxoptut, "mães de yãmĩxop". (TUGNY, 2014, p. 161-162)

Segundo uma de minhas principais interlocutoras, Suely Maxakali, o termo utilizado para se referir a um grupo de crianças é *Kak Xop*, que pode ser traduzido por "grupo barulhento". Mas quando se nomeia apenas um indivíduo o termo em Maxakali disponível é *Kitok*, que é traduzido como filho.

Ora, se é a partir de uma relação de filiação que se identifica a criança, percebe-se aí um importante papel atribuído à adoção pelos Tikmũ'ũn. De fato, com Tugny (2014, p.160-166) notamos como os essenciais encontros com os Yãmĩxop são organizados através de etiquetas estabelecidas a partir de papéis adotivos constantemente trocados entre homens, mulheres, crianças e Yãmĩxop. Quando estes são cuidados pelas crianças que com eles brincam, andam, caçam, alimentam e cantam, deixam elas de serem *Kitok* para se tornarem mães e pais de Yãmĩxop.

Assim, a categoria de infância tutelada - concebida pelo pensamento hegemônico das sociedades ocidentais e na qual costumam os desavisados pesquisadores confinar também as crianças indígenas - já nada tem a ver com a condição na qual as crianças Tikmũ'ũn, na verdade, se encontram. E, por isso, devem-se considerar as sérias responsabilidades que elas, autonomamente, assumem neste papel formador que as permite, desde os primeiros anos de vida, circularem pelos mundos dos Yãmĩyxop através dos cantos que com eles experienciam. Pelas adoções intercambiáveis os cantos vão sendo incorporados e constituindo a pessoa de cada um.

No trabalho de campo, pude observar crianças cantando, dançando, ouvindo, alimentando e participando ativamente da realização dos momentos intensos das visitas coletivas dos Yãmĩyxop, embora cantassem também noutros momentos, rememorando, trocando conhecimentos entre si, fazendo gestos e movimentos característicos dos Yãmĩyxop. Por vezes inadvertidamente, arriscavam-se a desagradá-los por brincarem com tais gestuais solenes de maneira, talvez, leviana. As consequências de tais imprudências variam desde a possibilidade de passarem um período na companhia de determinados Yãmĩy aprendendo mais com eles, a serem por eles advertidas ou receberem mel de fumo nos olhos.

Desde cedo cada pessoa é ora filho, ora mãe ou pai, em cada papel contribuindo para a realização dos preciosos encontros de alteridades concretizados nas visitas dos Yãmĩyxop. Compreendendo as dimensões profundas da atuação das crianças nessas performances de cantos, vislumbramos como, muito mais que saber executar a melodia e letra acuradamente, as crianças devem respeitar inomináveis prescrições tácitas de comportamentos que vão, paulatinamente, moldando-as como pessoas pertencentes aos povos Tikmũ'ũn.

Portanto, tratar pelo viés das adoções as noções de infância e formação da pessoa entre os Tikmũ'ũn pode nos permitir uma aproximação conceitual com suas perspectivas êmicas de forma a estabelecer alguma equivalência com as concepções ocidentais de infância, aprendizagem e educação e, assim, iluminar mais nosso entendimento acerca do tema.

### **Considerações finais**

Buscar um entendimento sobre a infância entre os Tikmũ'ũn a partir das relações de adoção frequentemente intercaladas entre homens, mulheres, Yãmĩyxop e as

próprias crianças, levar em conta a centralidade da prática enunciativa dos cantos enquanto formadora da pessoa Tikmũ'ũn e observar os comportamentos definidos e as possibilidades de atuação condicionadas por essa relação entre os Yãmĩxop com as crianças oferece um fértil campo para investigações mais acuradas das maneiras como os cantos podem constituir papel essencial na formação da criança Tikmũ'ũn.

### Referências:

- ALVARES, Myriam Martins. Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 15, nº1, p. 49-78, 2004.
- ARAÚJO, Samuel. Brega, Samba, e Trabalho Acústico: Variações em torno de uma contribuição teórica à etnomusicologia. *Revista Opus*, nº 6, outubro/1999.
- CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. *Morfofonêmica e morfossintaxe do maxakali*. Belo Horizonte, 2009. p. 303. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- CODONHO, Camila Guedes. *Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno*. Florianópolis, 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- COHN, Clarice. *A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. *Uma etnografia da escola indígena Fen'Nó à luz da noção de corpo e das experiências das crianças Kaingang e Guarani*. Florianópolis, 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- MEAD, M. *Growing up in New Guinea: a comparative study of primitive education*. New York: William Morrow, 1930.
- MELO, Clarissa Rocha de. *Corpos que falam em silêncio: escola, corpo e tempo entre os Guarani*. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- NUNES, Ângela M. *A Sociedade das Crianças A'uwe-Xavante: por uma antropologia da criança*. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado, PPGAS/FFLCH) Universidade de São Paulo, 1997.
- OLIVEIRA, Gilvan. Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Lingüístico. *Revista Linguagem*, 11º Edição, Novembro e Dezembro de 2009.
- RIBEIRO, Roberto Romero. *A errática tikmũ'ũn\_maxakali: imagens da guerra contra o estado*. Rio de Janeiro, 2015. p. 122. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E.. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras*. Boletim do Museu Nacional. N. S., Antropologia 32. 1978.
- SILVA, Rogério Correia. Participação e aprendizagem na educação da criança indígena. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 19 n. 58 jul.-set. 2014. 655 – 670.
- TASSINARI, Antonella. Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33. Caxambu, 2009. *Anais...* São Paulo: Anpocs, 2009. p.1-23.

TUGNY, Rosângela Pereira de. A misteriosa ciência dos Maxakali. In: RICARDO, Beto; FICARDO, Fany (Org.). Povos indígenas no Brasil, 1 ed., v. 10. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006, p. 757-760.

\_\_\_\_\_. *Nomadismo musical Maxakali*. Simpósio de Cognição e Artes Musicais Internacional, 3. (Org. Diana Santiago e Ricardo Bordini). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007, p. 128-136.

\_\_\_\_\_. Um fio para o Inmoxa: em torno de uma estética maxakali. *Revista Nada*, n. 11. Lisboa, maio 2008.

\_\_\_\_\_. Os cantos como imagens ativas entre os Tikmũ'ũn, um povo guerreiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ETNOCENOLOGIA, 6. Belo Horizonte, 2009. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 541 – 551.

\_\_\_\_\_.; ALVARENGA, Ana. Apresentação. *Koxuk/Imagem*. Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2009.

\_\_\_\_\_.; Toninho Maxakali; Manuel Damaso Maxakali; Ismail Maxakali; Marquinhos Maxakali; Rafael Maxakali; Zelito Maxakali; Gilberto Maxakali (in memoriam). *Xunim yôg kutex xi agtux xi hemex yôg kutex/Cantos e histórias do morcego-espírito e do hemex*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009a.

\_\_\_\_\_.; Totó Maxakali; Zé de Ká Maxakali; Joviel Maxakali; João Bidé Maxakali; Gilmar Maxakali; Pinheiro Maxakali; Donizete Maxakali; Zezinho Maxakali; et al. *Mogmoka yog Kutex/Cantos do gavião-espírito*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Canto brilho tikmũ'ũn: no limite do país fértil*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2010.

\_\_\_\_\_. *Escuta e poder na estética tikmũ'ũn\_maxakali*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2011.

\_\_\_\_\_. Reverberações entre cantos e corpos na escrita Tikmũ'ũn. *Revista Transcultural de Música*. Barcelona, v. 15, p. 1 -27, 2011.

\_\_\_\_\_. Filhos-imagens: cinema e ritual entre os Tikmũ'ũn. *Devires*. BELO HORIZONTE, V. 11, N. 2, P. 154-179, JUL/DEZ 2014.

\_\_\_\_\_.; JAMAL, José Ricardo. Guerra, predação e alianças no sistema acústico tikmũ'ũn. *Revista Vórtex: Revista eletrônica de música*. Curitiba, v. 3, nº2, p. 149–167, dez/2015.

## Notas

<sup>1</sup> Os povos Tikmũ'ũn somam cerca de 2000 pessoas vivendo em terras indígenas subdivididas em número variável de aldeias nos municípios de Teófilo Otoni, Ladainha, Santa Helena e Bertópolis. Nestes locais eles não tem acesso a água potável, área de mata e, por isso, também não convivem mais com a mesma quantidade e variedade de bichos à qual estavam acostumados antes do espólio de suas terras. Para mais informações sobre os percursos e percalços dos povos Tikmũ'ũn ver ROMERO (2015).

<sup>2</sup> TUGNY (2006; 2007; 2008; 2009; 2009a; 2009b; 2010; 2011; 2004; 2015)

<sup>3</sup> A língua Maxakali pertence à família Maxakali e ao tronco linguístico Macro-Jê (CAMPOS, 2009), sendo uma das cerca de 180 línguas indígenas que resistiram ao glotocídio (OLIVEIRA, 2009) empreendido pelos colonizadores portugueses contra os inúmeros idiomas presentes no território brasileiro desde 1500.

<sup>4</sup> A maioria dos povos indígenas no Brasil foram apelidados por nomes pejorativos, estranhos ou até mesmo impronunciáveis em suas próprias línguas por aqueles que primeiro entraram em contato com estes povos. Por isso, nas etnografias atuais, encontra-se geralmente o etnônimo definido pelos colonizadores ou desastrados antropólogos que primeiro registraram a etnia ao lado do nome pelo qual ela refere-se a si mesma. Neste trabalho o termo Maxakali sempre fará referência apenas à língua e para me referir aos povos indígenas investigados aqui será utilizado o termo Tikmũ'ũn.

<sup>5</sup> *Yāmiy* é o termo que designa um vasto panteão de seres habitantes de diferentes camadas do cosmos que se relacionam com a natureza, os mortos e outros espaços donde trazem conhecimento para trocarem com

os Tikmũ'ũn (ALVARES, 2004, p.59). *Xop* é um sufixo coletivizador que gera o termo *Yãmĩxop*, traduzível por povos-*Yãmĩy*, espíritos, povos-imagens, entre outros.

<sup>6</sup> Terminologia proposta por Araújo (1999)

<sup>7</sup> Desde MEAD (1930) as crianças deixaram de figurar como ornamentos da paisagem etnográfica e passaram a ser um objeto de estudo em si mesmo, embora apenas a partir da década de 80 esses estudos tenham começado a considerar as crianças como sujeitos ativos da vida social. Nesse sentido, o trabalho de NUNES (1997) é pioneiro no Brasil.

<sup>8</sup> SILVA (2014, p. 662)

<sup>9</sup> Também ALVARES (2004, p. 70) destaca o papel ativo atribuído às crianças Tikmũ'ũn no seu processo de aprendizagem que, para se dar, depende da iniciativa das próprias crianças.

<sup>10</sup> Os corpos dos meninos pequenos das aldeias Tikmũ'ũn são enlameados e esticados por povos *Yãmĩy* denominados *ũyĩn kaók* quando de suas visitas às aldeias para que o crescimento das crianças seja saudável e resulte em corpos fortes.

<sup>11</sup> “Os cantos que os Tikmũ'ũn cantam com estes espíritos não são narrativas ou discursos sobre seus estados, visões de mundo, ou algo que lhes defina uma identidade, linguagens postas a posteriori sobre pensamentos ou fatos. São eles mesmos acontecimentos, ações sobre o tempo e o espaço. Ao contrário de representar ou narrar visões, são a própria experiência visionária, a própria visitação de regiões longínquas”. (TUGNY, 2009, p. 547)

<sup>12</sup> Fazendo referência a Deleuze e Guattari, Tugny diz que “o que as músicas ameríndias buscam é a superação das fronteiras do humano enquanto corpo orgânico, em busca da captura objetiva de mais subjetividades, sejam elas animais, vegetais ou minerais.” (TUGNY, 2011, p. 49)

<sup>13</sup> “A aprendizagem é um longo processo que se inicia na infância, por vezes antes mesmo da iniciação formal, e se prolonga por toda a vida, até que a pessoa torne-se, ela própria um canto ao morrer. E esta aprendizagem – a iniciação ao canto dos espíritos – é um processo de maturação que se realiza pela tradução no próprio corpo ao cantar, durante os rituais. São apenas as crianças e os jovens o suporte para a manifestação dos espíritos. [...] A transmissão de conhecimentos e técnicas corporais, assim como dos seus significados próprios, se dá a partir da própria atuação das crianças, dos movimentos, das sensações e emoções que constroem esse momento.” (ALVARES, 2004, p. 60 e 61)